

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

BENS MÓVEIS E INTEGRADOS

CÓD.: BMI 55

1. Município: Capelinha

2. Distrito – Povoado: Sede

3. Acervo: Conjunto Paisagístico da Rua Doutor Hermelindo

4. Propriedade – Direito de propriedade: Eclesiástica

5. Endereço: Rua Dr. Hermelindo – Bairro Planalto

6. Responsável: Cônego Ricardo Luiz dos Santos

7. Designação; Cruzeiro Bom Jesus

8-Localização Específica: Localiza-se na entrada do Bairro das Acácias, próximo ao Parque de Exposições Paulo Afonso e da Escola Estadual Geralda Otoni Barbosa.

9. Espécie: Atributos de Imaginaria: Cruz

10. Época: Segunda Metade do Século XX

11. Autoria: José Neves

12. Origem: Minas Gerais, Capelinha

13. Procedência: Capelinha

14. Material / Técnica: cimento / construção

15. Marcas / Inscrições / Legendas: Possui o seu histórico registrado em uma placa afixada em uma pedra no seu lado esquerdo, e uma pequena gruta do seu lado direito.

16. Documentação Fotográfica:



Parte frontal com influência das Ruas Doutor Hermelindo e Arlindo José de Oliveira

Fotógrafo: Edson Ramos Rodrigues

Fotografia: (X) Digital () Analógica – Negativo nº:

Data: Setembro/2010

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG



Fotógrafo: Wagner Lopes Ferreira

Fotografia: (X) Digital () Analógica – Negativo n°:

Data: Junho/2008



Fotógrafo: Edson Ramos Rodrigues

Fotografia: (X) Digital () Analógica – Negativo n°:

Data: Setembro/2010

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

17. Descrição: O cruzeiro Senhor Bom Jesus é feito em cimento e aço. Possui 8,1 m de Altura; 3,05 m de Comprimento; 20 cm de Largura. Possui iluminação própria, e uma gruta ao lado direito. Do lado esquerdo possui uma pedra fundamental com a história do cruzeiro e um pequeno jardim em seu entorno. O cruzeiro possui uma toalha (concreto) em forma de meia lua também com lâmpadas fluorescentes um galo no topo. A base é fincada diretamente no chão de terra revestido de grama. O cruzeiro é inteiriço com profundidade de aproximadamente 1,1 m. A implantação do cruzeiro se encontra em terreno em declive, o acesso ao bem se situa acima do nível da rua, sua ligação com a rua é indireta e possui afastamento frontal. A cruz possui traves retas com uma toalha em forma de meia-lua.
18. Condições de Segurança: Razoável
19. Proteção Legal: Nenhum
20. Dimensões: 8,1 m de Altura; 3,05 m de Comprimento; 20 cm de Largura.
21. Estado de Conservação: Bom
22. Análise do Estado de Conservação: Possui algumas lâmpadas queimadas, boquilhas sem lâmpadas, não apresentando nenhum problema físico ou estrutural mais grave que comprometam seu estado, somente sujeira no entorno.
23. Intervenções – Responsável / Data: Segunda metade do século XX pelo Padre José Batista dos Santos e em 1997 pelo senhor José Neves.
24. Características Técnicas: Cruzeiro feito com cimento composto de duas partes: trave horizontal e trave vertical com Lâmpadas em sua estrutura. O bem ainda apresenta uma toalha também de cimento com a parte central em forma de meia-lua sendo que as pontas da mesma estão caídas sobre os dois braços do cruzeiro, formando o tradicional “M”.
25. Características Estilísticas: Peça feita de cimento e aço, não sendo este pintado e possuindo uma toalha também de cimento em forma de meia-lua no centro e caindo nas pontas.
26. Características Iconográficas: Cruzeiro: A palavra cruz no grego = (stauros, verbo stauroō) que significa primariamente um poste reto ou uma trave, e secundariamente um poste usado como instrumento de castigo e execução. É bom saber que no Antigo Testamento não se usava este método para executar pessoas, mas era usada, como execução, o apedrejamento. Os cadáveres eram pendurados numa árvore, como advertência (Dt 21.22-23; Js 10.26). Tal corpo era considerado maldito (o que explica Gl 3.13) e tinha que ser removido e sepultado antes do cair da noite (cf. Jo 19. 31). Essa prática explica a referência neotestamentária á cruz de Cristo como uma “árvore”, (no grego xylos, At 5.30; 10.39; 13.29; I Pe 2.24) um símbolo de humilhação. Os escritores contemporâneos descrevem a crucificação como a mais dolorosa de todas as formas de morrer. Teologicamente, o vocábulo cruz era usado como descrição sumária do Evangelho da salvação, de que Jesus “morreu pelos nossos pecados”. Assim é que a pregação do Evangelho é a “palavra da cruz” a “pregação de Cristo crucificado” (I Co 1.17 e segs). Assim é que o Apóstolo se gloria na cruz do Nosso senhor Jesus Cristo e fala sobre estar sofrendo perseguição por causa da cruz de Cristo. Neste caso é claro que a palavra cruz é usada para indicar todo o alegre anúncio sobre nossa redenção por meio da morte expiatória de Jesus Cristo. O símbolo mais reconhecido do cristianismo é sem dúvida a cruz, que pode apresentar uma grande variedade de formas de acordo com a denominação: Crucifixo, Cruzeiro, cruz, para os católicos. A cruz (+) é uma figura geométrica formada por duas linhas ou barras que se cruzam em um ângulo de 90°, dividindo uma das linhas, As linhas normalmente se apresentam na horizontal e na vertical; O instrumento da morte de Jesus é mencionado em textos bíblicos como Mateus 27:32 e 40. Ali, a palavra grega stau·rós é traduzida por “cruz” em várias Bíblias em português por saber que o

costume dos Romanos era a crucificação. No Novo Testamento, a cruz é símbolo de vergonha e humilhação, bem como da sabedoria da Glória de Deus reveladas por meio dela. Roma empregava a cruz não só como instrumento de tortura e execução, mas também como pelourinho vergonhoso, reservado para os mais vis. Para os judeus era maldição.

Bom Jesus: A maior parte das devoções está ligada à Paixão de Cristo, as Via-Sacras, os Calvários, as procissões do encontro e do enterro, em preterimento as que apresentam o Senhor vivo e ressuscitado, não tenham tanto destaque.

A esse fato são dadas, normalmente, explicações de cunho psicológico: o povo sofredor identifica-se mais com o Cristo padecente, com a Senhora das Dores, do que com o Cristo ressuscitado e vencedor. Com efeito, a devoção de uma comunidade de fiéis é também um modo pelo qual Deus quer falar a sua Igreja toda.

Deve-se notar que a devoção à Paixão de Cristo está solidamente apoiada na mais autêntica tradição latino-americana.

Com efeito, como bem nota o *teólogo Segundo Galilea*, a espiritualidade latino-americana tem suas raízes nos santos espanhóis do séc. XVI (Sta. Teresa d'Ávila, S. João da Cruz e Sto. Inácio de Loyola) e no movimento espiritual iniciado por eles. Nesta espiritualidade tem grande destaque a devoção à santa humanidade de nosso Senhor Jesus Cristo, que aparece com mais evidência nos momentos de maior fragilidade de Jesus, o presépio e o Calvário (aliás, pontos centrais também da espiritualidade franciscana).

Ora, tal devoção está em perfeita sintonia com as Sagradas Escrituras. Basta lembrarmos as palavras de Paulo: “os judeus pedem sinais, como os gregos buscam a sabedoria. Nós, porém, pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os pagãos (1Cor 1, 22-23) ...entre vós, não quis saber coisa alguma, a não ser Jesus Cristo, e este, crucificado” (1Cor 2, 2). Ainda, no Evangelho de João, é na cruz que Cristo aparece “elevado da terra”, atraindo todos a si (Jo 12, 32), na cruz ele é proclamado como rei (Jo 19,19). Mais ainda, o destaque dado à Paixão do Senhor pelos evangelistas é claramente percebido pelo número de capítulos que são dedicados à ela. Se outras passagens são descritas brevemente (inclusive a ressurreição!) muitas linhas são gastas descrevendo os sofrimentos do Senhor.

Por que realçar os sofrimentos e a morte do Senhor Jesus? Por que ficarmos lembrando sua Paixão, se ele está vivo e vitorioso? Para trazer sempre presente ao nosso coração que fomos resgatados, como afirma Pedro, “não por coisas perecíveis, como a prata ou o ouro, mas pelo precioso sangue de Cristo, cordeiro sem defeito e sem mancha” (1Pd 1,18-19); para tomarmos consciência do quanto nossa redenção foi custosa ao Filho de Deus. É somente esta consciência de que o Filho de Deus “me amou e se entregou por mim” (Gl 2,20) que é capaz de suscitar nos corações o amor agradecido, que leva à autêntica vida cristã às vezes ao ponto da radicalidade do martírio. Quem não valoriza a paixão e a morte do Senhor é incapaz de compreender o núcleo do cristianismo, de compreender que o quanto Deus amou o mundo, “a tal ponto que deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não morra, mas tenha vida eterna” (Jo 3,16).

Aquele que adoramos como Deus é o mesmo que padeceu por nós. Como o centurião aos pés da cruz, somos convidados a olhar para a imagem de um homem torturado e reconhecer: “na verdade, esse homem era Filho de Deus” (Mc 15,39).

O afluxo de fiéis a santuários dedicados ao Senhor Bom Jesus atesta estar vivo e presente em nossas comunidades cristãs, a consciência da Paixão e dos sofrimentos do Senhor. Longe de cultuar o ídolo do sucesso e do poder, o povo cristão, iluminado por uma unção que vem do mesmo Cristo (cf. 1Jo 2, 20.27), reconhece seu Deus e Salvador, representado na imagem de um homem sofredor.

27. Dados Históricos: O primeiro Cruzeiro de Bom Jesus foi erguido onde hoje se localiza o prédio da Padaria Pão de Mel, neste lugar havia coxos, para o descanso dos animais. Não se tem informações sobre a época de construção e em o nome de seus construtores. Naquele tempo o transporte em lombos de animais, carroças ou mesmo carros de boi era comum e necessário. Ao redor do Cruzeiro se criava uma espécie de “estacionamento” das tropas que transitavam entre Capelinha e Itamarandiba.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAPELINHA
Secretaria Municipal de Cultura e Turismo / Setor de Patrimônio Cultural
Rua Doutor Hermelindo, 382 – Centro – Capelinha/MG

Além desta utilidade outro fato que marcava a presença diária de pessoas ao pé do Cruzeiro, era a existência de uma cisterna onde os moradores captavam água para o serviço doméstico ou mesmo para aliviar a sede dos animais.

Um fato que ficou na memória dos moradores à época, aconteceu durante uma grande tempestade em Capelinha, um raio destruiu o Cruzeiro que já estava precário.

Algum tempo depois, presume-se em 1949 foi erguido outro no lugar graças ao trabalho da comunidade orientada pelo Padre José Batista dos Santos. Porém houve parte das pessoas que não gostaram da ideia de recolocação de outra peça no lugar, segundo os moradores antigos, estes zombavam dizendo que iriam “dançar carnaval” na Igreja. No local eram celebradas as Missas e feitas penitências quando ocorriam épocas de seca, por este motivo foi Batizado de Bom Jesus. O Cruzeiro ficou erguido até o final da década de 1970.

O responsável pelo erguimento de outra peça no local foi o senhor José Neves. Por volta de 1945, José Neves residia em Aricanduva e quando estava em Capelinha, ele visitava o Cruzeiro, rezando ao pé do mesmo.

O povoamento do entorno da Rua Doutor Hermelindo aos passar dos anos foi transformando a paisagem e o que antes, era dominado apenas pelo Cruzeiro, passou a ter casas e muitos veículos. O senhor José Neves com apoio do Cônego José Gabriel de Oliveira, ergueu um Cruzeiro com estrutura de concreto e ferro, com detalhe de lâmpadas na parte frontal do Cruzeiro que todas as noites são acesas.

Esta obra foi executada nas comemorações de bodas de ouro do casamento do senhor José Neves. Algum tempo depois foi construída ao lado uma pequena Gruta e internamente foi entronizada uma imagem do Senhor Bom Jesus.

28. Referências Bibliográficas:

Revista Iconografia Cristã,

Entrevistas com: José Neves, Cônego José Gabriel

http://www.senhorbomjesus.org.br/a_devocao_do_cristo_sofredor.htm

Arquivos da Paróquia Nossa Senhora da Graça

Arquivos da Câmara Municipal

Arquivos de José Carlos Machado

29. Informações Complementares: S/R

30-Ficha Técnica:

Levantamento: Wagner Lopes Ferreira	Data: Junho/2008
Elaboração: Wagner Lopes Ferreira	Data: Agosto/2008
1ª Revisão: Edson Ramos Rodrigues	Data: Setembro/2010
2ª Revisão: Fernando Cordeiro da Costa	Data: Novembro/2010
Arquivamento: Setor de Patrimônio Cultural	Data: Dezembro/2010